

A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A REALIZAÇÃO DO PROJETO *MAIS CULTURA NAS ESCOLAS* NA ESCOLA MUNICIPAL BORGES MACHADO, NO PIAUÍ

Maria Dalva Fontenele Cerqueira¹

Resumo: este artigo visa relatar a realização do projeto *Mais Cultura nas Escolas* com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Borges Machado, na cidade de Parnaíba, Piauí, onde trabalhamos com o Eixo Temático da Educação Patrimonial: patrimônio material e imaterial, memória, identidade e vínculo social. A realização do projeto teve como objetivo promover vivências, pesquisas e valorização de bens culturais de natureza material e imaterial referentes à memória e identidade cultural da sociedade parnaibana, bem como conhecer a história e as memórias do conjunto do patrimônio ferroviário existente na cidade. Adotamos como procedimentos metodológicos a pesquisa de campo e a história oral, para sensibilizar os alunos com o tema em estudo. Avaliamos a realização do projeto *Mais Cultura nas Escolas*, que contribuiu de forma significativa para uma maior aproximação da escola com a comunidade, para o (re)conhecimento dos estudantes e também dos professores e professoras do patrimônio cultural ferroviário da cidade de Parnaíba. Ele também promoveu reconhecimento, respeito e a identificação, por parte dos estudantes, para com os bens culturais da cidade.

Palavras-chave: História; educação patrimonial; identidade; Parnaíba; *Mais Cultura*.

Abstract: this article aims to report the work accomplished through the project "More Culture in Schools" with students from 7th grade of Borges Machado Municipal School in Parnaíba - Piauí, where we have worked with the Thematic Axis of Patrimonial Education: material heritage and immaterial, memory, identity and social link. The purpose of the project was to promote experiences, research and valuation of cultural goods of a material and immaterial nature regarding the memory and cultural identity of the Parnaibana society, as well as to know the history and memories of the whole of the railway heritage in the city. We adopted as methodological procedures the field research and oral history in order to sensitize students with the subject under study. We evaluated the realization of the project More Culture in Schools, which contributed significantly towards a closer relationship between the school and the community, for the students and teachers' knowledge about the cultural heritage of Parnaíba. It has promoted recognition, respect and identification of students with the cultural assets of the city.

Keywords: History; equity education; identity; Parnaíba, *Mais Cultura*.

Apresentação

O presente trabalho é um relato de experiência do projeto *Mais Cultura nas Escolas*, desenvolvido na Escola Municipal Borges Machado, em Parnaíba, Piauí, com 37 estudantes do Ensino Fundamental II, no segundo semestre de 2014. As

¹ Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Professora de História da Secretaria Municipal de Educação de Parnaíba – PI. E-mail: dalvaclio@gmail.com

atividades envolveram todas as disciplinas, tendo como Eixo Temático a Educação Patrimonial: patrimônio material e imaterial, memória, identidade e vínculo social.²

A temática foi escolhida pela escola, que estimulou professores e professoras a pensarem em atividades participativas de formação cultural e aprendizado, cujo objetivo foi promover vivências, pesquisas e valorização de bens culturais de natureza material e imaterial referentes à memória e identidade cultural da sociedade parnaibana, como os monumentos e obras de arte, os modos de vida, as festas, as danças, as comidas típicas, visitas a museus, praças, igrejas, conhecimento de saberes e fazeres dos parnaibanos, além de visitas a arquivo e locais referenciais para a história e a identidade local.

Os docentes foram os responsáveis pela elaboração das ações pedagógicas que envolveram os estudantes, tendo como finalidade transformar a sala de aula e a escola num espaço de reflexão e valores sobre a cultura brasileira. Para a aula de história, foi discutido o conceito de patrimônio cultural material e imaterial, que acreditamos ser fundamental para que os estudantes reconheçam e estabeleçam vínculos sociais com o patrimônio cultural na cidade. Dessa forma, foram adotadas a educação patrimonial, a pesquisa de campo e a história oral como principais procedimentos metodológicos para sensibilizar os alunos.

O historiador Eric Hobsbawm (2002, p. 13), ao avaliar o interesse dos jovens do final do século XX pelo passado, afirma que “quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem”. Procuramos fazer com que os jovens conheçam o “passado público” e façam uma relação deste com sua própria história, e assim desenvolvam atitudes que os levem a valorizar e conservar seu patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial, e se reconheçam como parte da história da cidade que também é de todos. Para isso, a educação patrimonial foi um importante procedimento, pois permitiu aos alunos desenvolver a sensibilidade do olhar, ouvir e conhecer sobre os “lugares de memória” que formam o *Conjunto Histórico e Paisagístico* de Parnaíba.

² O projeto foi desenvolvido pelos professores da Escola Municipal Borges Machado na cidade de Parnaíba (PI). Coordenado pela professora Maria Dalva Fontenele Cerqueira que também ficou responsável por orientar os estudantes da turma do 7º ano do Ensino Fundamental no turno manhã.

O Projeto Mais Cultura nas Escolas

O *Mais Cultura nas Escolas*³ é o resultado de uma parceria interministerial firmada entre os Ministérios da Cultura e da Educação, que tem por finalidade fomentar ações que promovam o encontro entre experiências culturais e artísticas em curso na comunidade local e o projeto pedagógico de escolas públicas contempladas com outros programas do Ministério da Educação, como Mais Educação e Ensino Médio Inovador.

O programa apresenta um Plano de Atividade Cultural e a escola escolheu uma para trabalhar com os estudantes. A escolha aconteceu no ato da elaboração do projeto que foi submetido à apreciação dos Ministérios da Cultura e da Educação e aprovado, sendo a execução acompanhada pela Secretaria Municipal de Educação – SEDUC. Em 2014, o Ministério da Cultura divulgou a lista de escolas cujos projetos foram aprovados e no mesmo ano começamos a desenvolver as atividades a que nos propomos.

Assim, o projeto teve como objetivo mobilizar a Escola Municipal Borges Machado e a comunidade escolar, para o conhecimento, a importância e a valorização do patrimônio cultural material e imaterial da cidade de Parnaíba, a partir da Educação Patrimonial e da pesquisa de campo, do uso da história oral, assim como a pesquisa de campo promovendo, uma maior aproximação entre escola e comunidade. Com essa finalidade, foram pensados os seguintes objetivos específicos: 1) sensibilizar os estudantes, por meio de exibição de filmes, palestras e pesquisa de campo junto ao patrimônio cultural local; 2) apresentar e aplicar os procedimentos do trabalho de campo e uso da história oral; 3) valorizar e conhecer a história dos “espaços de recordação” da cidade; 4) valorização as práticas da comunidade que são passadas de geração em geração, como a pesca, a cata do caranguejo, as festas, as manifestações culturais, a culinária, as manifestações artísticas, a produção de redes de pesca. O objetivo era estimular os alunos a se identificarem e se sentirem parte do que conjunto que é reconhecido oficialmente como patrimônio cultural de Parnaíba.

³ Para maiores informações sobre o programa Mais Cultura nas Escolas e a lista de projetos selecionados, o manual de desenvolvimento das atividades, ver: <http://www.cultura.gov.br/maisculturanasescolas>.

A opção pela Educação Patrimonial no Projeto Mais Cultura nas Escolas na Escola Municipal Borges Machado

Para Elisa Paim (2010) memória e patrimônio são conceitos que estão interligados, e por isso, estão presente em tudo que diz respeito às experiências vividas por cada um em diferentes tempos e lugares. Acreditamos que a escola formal como instituição responsável por conservar e garantir que os estudantes tenham acesso ao conhecimento produzido pela sociedade, precisa problematizar tais conceitos, para tanto, com Átila Tolentino (2013, p. 08) ao afirmar que na educação formal, “a Educação Patrimonial deve ser uma proposta dinâmica e criativa de a escola se relacionar com o patrimônio de sua região e sua localidade”.

O tombamento é a forma de proteger e preservar o patrimônio material ou imaterial para que este possa ser preservado e conservado para as gerações do presente quanto para as futuras. No entanto, nem sempre o patrimônio depois de tombado é preservado e conservado. Em algumas situações, podemos encontrar prédios que mesmo depois de tombados estão em ruínas, abandonados tanto pelos órgãos responsáveis quanto pela própria comunidade que, em alguns casos, se tornam alheias a estes prédios que, por não conhecerem a sua história não os reconhecem como parte de sua história. Não se sentem pertencentes a eles ou parte deles. Falta a ideia de pertencimento ou ligação desse patrimônio com sua história vida.

Foi com o objetivo de fazer com que os estudantes conhecessem, respeitassem e conservassem o patrimônio cultural da cidade de Parnaíba Piauí que escolhemos trabalhar com educação patrimonial no projeto “Mais Cultura nas Escolas”. As pesquisadoras Cristina Reis Figueira e Lílian Lisboa Miranda (2012, p.08) defendem que a educação patrimonial nos projetos escolares, “possibilita ao aluno perceber que o patrimônio cultural faz parte da sua própria história. Tal percepção lhe propicia a oportunidade de conhecer as culturas locais, construindo laços de afetividade e de solidariedade com as pessoas e o lugar onde vive”.

Identificamos, por meio de conversa durante as aulas de História, que os estudantes da Escola Municipal Borges Machado desconheciam o significado do termo patrimônio e, além disso, desconheciam o que é oficialmente patrimônio cultural de sua própria cidade. Alguns até conheciam as estações ferroviárias, as

praças, igrejas, mas não sabiam que esses espaços foram tombados e formam o patrimônio material da cidade.

Parnaíba, cidade localizada na região norte do estado do Piauí, teve seu patrimônio tombado e reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAM em 2008, numa parceria com o Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Cultural e Natural de Parnaíba, órgão que listou os bens culturais que deveriam ser tombados. Atualmente o patrimônio cultural de Parnaíba é formado pelo *Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba* que é formado de seis conjuntos, assim distribuídos: Porto das Barcas e Galpões Portuários, Conjunto Praça da Graça, Conjunto Avenida Getúlio Vargas, Conjunto Praça Santo Antônio, Conjunto Estação Ferroviária, Conjunto da Casa da Misericórdia.

Diante da existência do *Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba* e do desconhecimento, por parte dos estudantes, foi que decidimos escolher o Eixo Temático da Educação Patrimonial, apresentado no *Plano de Atividades Culturais do Projeto Mais Cultura nas Escolas* para a Escola Municipal Borges Machado. A escolha foi feita pensando em fazer com que os estudantes (re)conhecessem o patrimônio cultural de sua cidade, uma vez que só valorizamos, defendemos, respeitamos e protegemos aquilo que (re)conhecemos como nosso.

Sensibilização inicial: discutindo o Patrimônio Cultural

A sensibilização inicial aconteceu por meio da exibição do filme *Narradores de Javé*, dirigido por Eliane Caffé e lançado em 2003, que apresenta como tema central um povoado fictício, que se chama Javé, que vai desaparecer devido à construção de uma hidrelétrica. Seus moradores decidem que a única forma de salvar o povoado será escrever a sua história e torná-lo patrimônio histórico.

O filme foi exibido na íntegra, no entanto, foram selecionadas algumas cenas para discutir as situações apresentadas e ouvir o posicionamento dos estudantes sobre as questões levantadas. Uma das cenas selecionadas foi a que os moradores descobrem como salvar a comunidade: “Não inunda se virar coisa importante, patrimônio” – essa frase foi escolhida para começarmos a discussão sobre o que é patrimônio cultural e qual sua importância.

Após a exibição do filme, as discussões em relação aos conceitos de patrimônio cultural e sua divisão em material e imaterial, sobre tombamento e

participação da cidade, sobre os órgãos responsáveis pela escolha, e o que deve ou não ser patrimônio cultural de uma cidade, região, estado ou país, desenvolvemos debate relativo ao processo de tombamento com os alunos, por meio do jornal *O Bembém* (que publicou uma matéria ilustrada com fotografias dos conjuntos paisagísticos da cidade, tratando do patrimônio dos bens materiais da cidade).

Depois que os estudantes conheceram, por meio de fotografias, o patrimônio ferroviário piauiense localizado em Parnaíba, foi a vez da pesquisa de campo. Os estudantes foram levados para ver de perto, ouvir histórias de vida de moradores que residem em Parnaíba e que usaram o trem como meio de transporte para ir para a escola, praia ou para a capital, Teresina. Além disso, a estação Floriopólis, a Esplanada da Estação, o Museu do Trem do Piauí, fizeram parte do roteiro da pesquisa de campo.

A pesquisa de campo: conhecendo o patrimônio cultural de Parnaíba – Conjunto Estação Ferroviária

A pesquisa de campo foi uma das metodologias aplicadas na realização do projeto *Mais Cultura nas Escolas*. Nessa fase, as turmas da escola foram divididas e cada turma ficou responsável por pesquisar sobre um dos Conjuntos Históricos e Paisagísticos da cidade de Parnaíba⁴. Para cada turma foram selecionados um ou dois docentes, dependendo da afinidade que o profissional tivesse com o patrimônio escolhido para orientar a pesquisa de campo.

Os estudantes do 7º ano do turno manhã ficaram com o *Conjunto da Estação Ferroviária* que é formado por duas estações, armazéns, posto médico, vila operária, almoxarifado, gráfica, depósito, casa de turma e outros prédios que faziam parte da extinta Estrada de Ferro Central do Piauí, em Parnaíba.

O roteiro da visita ao *Conjunto Estação Ferroviária* foi definido previamente; os estudantes foram levados no ônibus escolar da Prefeitura Municipal de Parnaíba, portando consigo, além de um caderno de campo onde anotavam as observações feitas durante a visita, muita curiosidade em torno do trem e a empolgação típica de

⁴ O Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba é formado por seis conjuntos, assim distribuídos: Conjunto Santa Casa de Misericórdia; Conjunto Porto das Barcas e Galpões Portuários; Conjunto Praça da Graça; Conjunto Avenida Getúlio Vargas; Conjunto Praça Santo Antônio; Conjunto Estação Ferroviária. Para maiores informações sobre como está formado cada um desses conjuntos, ver: PINHEIRO, Aurea; MOURA, Cássia (orgs.). *Cadernos do Patrimônio Cultural do Piauí*. Teresina: Superintendência do Iphan do Piauí, 2010. v.2.

estudantes do Ensino Fundamental que saem da escola para uma pesquisa de campo.

A apresentação, aos estudantes, do *Conjunto da Estação Ferroviária*, despertou neles a curiosidade sobre a história da construção da Estrada de Ferro Central do Piauí e os motivos que levaram os parnaibanos a transformá-la em patrimônio. Durante as aulas, eles foram orientados a conversar com seus avôs e avós sobre a convivência deles com o trem em Parnaíba, pois estes sabem de muitas histórias desse meio de transporte. Depois dessa orientação, cada um dos alunos passou a ouvir seus familiares e a voltar para a escola e a compartilhar suas histórias. Depois que identificamos as pessoas que podiam nos contar suas memórias, decidimos trabalhar também com a história oral. O uso dessa metodologia não teve como finalidade produzir fontes orais para eventuais consultas numa pesquisa histórica. A história oral foi usada como uma forma de aproximar os estudantes de seus parentes e das demais pessoas da comunidade. Conhecer suas histórias e as recordações guardadas da infância e das viagens que realizaram no trem. Saber seus sentimentos em relação ao trem e a estação Floriópolis, Esplanada da Estação, o Museu do Trem no Piauí, a Vila Operária que era o local onde moravam os ferroviários que vinham transferidos para Parnaíba.

Optamos por trabalhar com a história oral de vida⁵, um das modalidades da história oral que aproxima as gerações, pois os entrevistados passam a contar sua vida para os estudantes e estes precisam aprender a desenvolver uma escuta atenta e respeitosa. Para a realização das entrevistas, foram realizados os seguintes passos:

Escolha dos entrevistados: Depois que os estudantes conversaram com seus familiares e retornaram para a escola, definimos mediante uma negociação com a turma quem seriam os entrevistados. Muitos estudantes moram no Catanduvas, atualmente bairro São Judas Tadeu, e no bairro Floriópolis que eram cortados pelos “caminhos de ferro”. Esses bairros ficam afastados da cidade de Parnaíba e entre as décadas de 1960 e 1970, quando o trem ainda estava em funcionamento, eram apenas pequenas comunidades.

⁵ Sobre o uso das entrevistas, fruto da história oral de vida, no ensino de história ver: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. *História oral na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Construção do roteiro da entrevista: a história oral de vida foi a modalidade da história oral escolhido para as entrevistas. Nessa modalidade, o entrevistado contava sobre sua trajetória de vida, suas experiências com o trem. Em sala de aula elaboramos um roteiro de questões que nortearam a entrevista. Outra preocupação foi com o tipo de pergunta que seria feita, procurando evitar perguntas que causassem algum tipo de constrangimento aos idosos ou cuja resposta fosse apenas sim ou não. O respeito com os entrevistados foi uma questão importante tratada com os estudantes, sua postura diante de pessoas com idade entre 60 e 70 anos, com algumas limitações geracionais. Nesse, sentido os estudantes precisavam adotar uma postura de respeito diante da fala do entrevistado, das limitações e da sua história de vida, luta e trabalho.

Os equipamentos utilizados: a história oral é um procedimento que requer equipamento tecnológico para gravar as entrevistas. Utilizamos o recurso recebido pela escola para comprar equipamentos como: câmera digital, gravadores, data show, filmadora, dentre outros equipamentos que seriam necessários na realização do projeto. Esses equipamentos foram importantes para realização das entrevistas, como para registro da pesquisa de campo realizada pela turma.

Realização das entrevistas: uma das entrevistas aconteceu na estação Floriópolis com a Senhora Maria da Conceição⁶. Os alunos levaram o caderno com o roteiro e conduziram a entrevista, explorando para além do roteiro, pois durante a entrevista surgiram outras questões que não tinham sido contempladas, mas que foram relevantes para o conhecimento do passado da cidade e da ferrovia no Piauí. A narradora começou meio tímida, mas depois se sentiu à vontade diante dos ouvidos atentos e curiosos dos estudantes e teceu suas histórias sobre sua infância, suas viagens de trem, suas brincadeiras de criança perto da estação e o (res)sentimento guardado pela desativação do trem. Depois dessa entrevista, os estudantes realizaram outras entrevistas em casa com seus parentes e amigos, que foram transcritas em sala de aula e analisadas pela turma.

A estação Floriópolis fica localizada em um bairro próximo da escola, com nome homônimo. Foi construída na primeira metade do século XX e fazia parte da

⁶ A entrevistada Dona Maria da Conceição Amorim dos Santos mora ao lado da estação Floriópolis desde que nasceu em 1944. Concedeu entrevista, que foi filmada e gravada pelos alunos do 7º ano da Escola Municipal Borges Machado, sob a orientação da professora Maria Dalva Fontenele Cerqueira em Parnaíba Piauí, em 09 de novembro de 2014.

Estrada de Ferro Central do Piauí. É uma estação pequena, uma das menores estações ferroviárias construídas no Piauí, também conhecida como “estação do amor”, pois, segundo os memorialistas locais, foi um mimo que o engenheiro Miguel Furtado Bacelar⁷ fez para sua esposa, Flora Bacelar, que tinha uma residência em frente da estação. O modelo arquitetônico adotado na estação foge do modelo padrão das demais estações da estrada de ferro, com suas paredes de vidro. A estação fica sobre uma pequena plataforma onde o trem parava para o embarque dos passageiros, que iam para a cidade estudar, fazer compras no mercado, assistir à missa aos domingos ou tomar um banho de mar nas praias de Luís Correia.

Próximo da estação de Floriópolis, também existe uma antiga casa de turmas que servia para os conservadores de linha que trabalhavam naquele trecho. No lugar se formou o bairro que atualmente recebe o nome da estação, que depois de fechada na década de 1970 (pois foi extinto o trecho da linha de ferro que ligava Parnaíba a cidade de Luís Correia), ficou muito tempo abandonada e esquecida. Em 2011, foi tombada e reformada pela Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Piauí. Apesar de atualmente ser um dos pontos turísticos da cidade, os alunos da Escola Municipal Borges Machado desconheciam sua história.

A chegada ao local foi motivo de festa para os alunos que não conheciam o a estação, fomos acompanhados por uma equipe de professores que também desconheciam a história da estação ferroviária. Próximo da estação foi construída uma pracinha com bancos de madeira protegidos do sol pelos muitos pés de cajueiro existentes no local. Foi nessa paisagem que encontramos uma moradora do local, cuja residência fica ao lado da estação, Dona Maria da Conceição Amorim dos Santos, que mora no local desde 1944 e guarda na memória, histórias de sua infância e das viagens que fez no trem.

A colaboradora sentou-se em um dos bancos da praça e foi rodeada pelos estudantes que um a um, pacientemente, perguntavam e ouviam suas respostas sobre a existência do trem e sua passagem pela estação Floriópolis. Uma das primeiras perguntas foi sobre a infância e como era a escola onde ela estudava. Ela, pacientemente, respondeu:

⁷ Foi o primeiro engenheiro da Estrada de Ferro Central do Piauí nos início do século XX quando a estrada de ferro começou a ser construída em 1916 na cidade de Parnaíba, Piauí.

Meus filhos essa estação aqui tem muita história. Eu fiquei muito feliz quando reformaram ela. Eu me lembro de quando eu era criança aqui perto não tinha escola. A minha escola era em Parnaíba era perto do Mercado Velho, onde hoje é o José Maria Nunes. Da minha escola a gente ficava olhando o movimento do mercado e a professora ficava reclamando e perguntava: 'você vieram para estudar ou para olhar o mercado?' Aí, todo mundo se sentava!! Não demorava muito estava todo mundo de novo com as caras na janela. E ela dizia: 'Aí meu Deus!!! Hoje vocês não vão estudar nada'. Quando terminava a aula nós saíamos correndo para pegar o trem, a gente vinha correndo e pagava o trem onze e meia e quando era uma hora eles descia com outros estudantes. Tinha que sair correndo para não perder a hora do trem porque se perdesse tinha que voltar caminhado de Parnaíba para cá. Não tinha outro transporte, era só o trem. Quando a gente perdia o trem chegava em casa muito tarde e muito cansado. O nosso divertimento era ir de trem para Luís Correia, nosso único divertimento era esse. [...] (Maria da Conceição, 2014).

A narradora falou da importância que tinha o trem para ela durante sua infância escolar. Era o único transporte existente na região, que ela e os demais estudantes dispunham para ir para escola que ficava no centro da cidade ao lado do mercado. Dona Maria se recorda que tinha que ficar atenta para a hora da saída do trem, pois como morava distante, por uma distração podia perder o trem e ter que voltar para casa caminhando. Outra pergunta dos estudantes foi sobre o que era transportado pelo trem. Segundo a entrevistada,

O trem transportava nos vagões farinha, feijão, milho, animais. Tinha um vagão só para trazer, Tudo que queriam vender em Parnaíba era levado no trem. As pessoas que trabalhavam nas roças levavam os produtos para vender de trem, o pessoal da Barra Grande, do Camurupim e dos outros povoados que hoje já são até cidades. O trem era um transporte seguro e eu faço um apelo para o trem voltar a funcionar novamente. Eu tenho muitas saudades do tempo do trem. Eu sonho com o dia que o trem vai voltar a funcionar. Aqui eu tenho muitas dificuldades com transporte quando eu quero ir para a Parnaíba [...] (Maria da Conceição, 2014).

Pelas lembranças da narradora podemos identificar os produtos que eram transportados no trem pelos parnaibanos e pelos moradores, mesmo de comunidades pertencentes a outras cidades, como o caso dos moradores da Barra Grande e Camurupim, ambos pertencentes a Luís Correia.

De acordo com as histórias e as recordações que a narradora contou para os estudantes, eles puderam avaliar a importância que o trem teve para os parnaibanos, pois era o único meio de transporte de que dispunham para transportar seus produtos e para chegar até a escola, entre as décadas de 1960 a 1970. Também passaram, a saber, a finalidade da estação e da plataforma.

Além dessas, outras descobertas foram feitas pelos estudantes, por meio da história oral, como a história dos *Dois Irmãos* que foi contada pela Dona Maria. Segundo ela, eram dois irmãos com idade entre quatorze e quinze anos, que tinham chegado do Ceará em Parnaíba e estavam procurando emprego:

O nome deles eu não sei, meus filhos. Faz muito tempo, eu tinha entre onze e doze anos quando aconteceu. Eles vinham caminhando por cima da linha do trem quando o trem atropelou os dois. Eles morreram no local. Assim que aconteceu o atropelamento correu muita gente pra lá e eu corri também. Quando eu cheguei lá estavam os dois no chão. Um já tinha morrido e o outro morreu depois. Depois que eles morreram eles se tornaram milagrosos. As pessoas quando estavam com algum problema faziam logo uma promessa e acontecia o milagre. Até hoje tem aquela capelinha lá na beira da estrada, foi lá onde aconteceu (Maria da Conceição, 2014).

Dona Maria, assim como os alunos, ficou feliz com o encontro e com a oportunidade que tiveram de se aproximar, de conversar, de contar e ter ouvidos atentos, mãos ágeis nas anotações.

Outro local visitado pelos estudantes do 7º ano foi a Esplanada da Estação, onde ficam localizados prédios construídos na década de 1950, como almoxarifado, posto médico, armazém, gráfica e a estação central, que atualmente abriga o Museu do Trem do Piauí. A estação central foi inaugurada em 1920, era o local de encontros e despedidas dos parnaibanos que chegavam e partiam da cidade. Era também um local de comércio, para onde as pessoas levavam seus produtos para vender aos passageiros. Atualmente a estação abriga o Museu do Trem do Piauí, um lugar de memória..

A estação ferroviária, em Parnaíba, “apesar de ser uma estação de passagem, atuou como Terminal. Possuía grande pátio de operação que contava com oficinas de manutenção, conserto e reforma. Da estação, partiam operários para solucionar quaisquer problemas ao longo da linha” (PINHEIRO; MOURA, 2010: 61). Local de embarque e desembarque, marcou a memória dos parnaibanos e

influenciou no espaço urbano da cidade. Em pouco tempo, foram construídas casas, ruas, surgiram novos bairros, time de futebol, escolas, clube social tudo isso em função da ferrovia.

A estação, um pequeno edifício construído, seguindo as características das construções ferroviárias de sua época, foi transformado em Museu e guarda um importante acervo da história ferroviária piauiense.

O Museu do Trem do Piauí foi inaugurado na Parnaíba pelo Prefeito Paulo Eudes Carneiro no dia 15 de agosto de 2002. Frutos de longos entendimentos com Carlos Alberto Sequeff, representante da Rede Ferroviária Federal S.A (RFFSA), o prefeito conseguiu que ficasse para Parnaíba não só toda a vasta área da RFFSA, com seus imóveis, como 56 peças referentes ao tempo do trem no Piauí que se encontravam mantidas em quase abandono nos galpões da RFFSA em São Luís (O BEMBÉM, 2009, p.07).

O Museu do Trem do Piauí é uma instituição pública, que a prefeitura de Parnaíba assumiu o compromisso de guardar, conservar e expor seu acervo. Sobre a criação de museus ferroviários, Luís Lopes aponta que “numa época em que os vestígios das primeiras fases da industrialização estão a desaparecer, torna-se indispensável à salvaguarda da sua memória e algum do patrimônio mais significativo, seja ele móvel ou imóvel, uma tarefa que compete aos museus.” (LOPES, 2012, p. 08).

A concepção, montagem e os textos expostos no Museu do Trem do Piauí são de autoria do dramaturgo e escritor parnaibano Benjamin Santos, na época Secretário de Cultura de Parnaíba. Acompanhou a reforma e restauração do imóvel antigo da estação ferroviária. “As obras de transformação de imóveis antigos e/ou degradados em espaços museológicos tornaram-se, ao longo dos tempos, um campo privilegiado para a materialização de sucessivas experiências sobre conservação e restauro.” (LOPES, 2012, p. 63).

Benjamim Santos organizou, de forma didática, a exposição das peças no museu, onde o visitante pode fazer um passeio pela história do trem no Piauí. A exposição intitulada “*Parnaíba no tempo do trem a vapor*”, é acompanhada de textos expostos em banner explicando a história do trem e é dividida em seis módulos, intitulados respectivamente: Saleta de entrada; Espaço dos pioneiros; Estrada de Ferro Central do Piauí; RFFSA; O trem e o porto; Os ferroviários:

A estrutura interna do espaço museológico representa, de fato, um aspecto essencial para a identidade e a funcionalidade do edifício. Se a transição entre o exterior e o interior do museu é determinante na construção da imagem pública da instituição museal, os primeiros espaços internos de acolhimento aos visitantes revelam-se, também, decisivos na confirmação ou contradição das expectativas suscitadas por essa imagem (LOPES, 2012, p. 64).

O módulo – “*Saleta de entrada*” – foi organizado na antiga sala de espera dos passageiros, distribuídos em cima de uma mesa trem de madeira, livros da Agatha Christie em quadrinhos e poemas sobre trem, um relógio e um quadro “O trem passa na guarita”, cabide com chapéu, bengala e um banner explicando o itinerário do trem no Piauí:

Aqui começa a sua viagem pelo mais novo museu do Brasil, o único museu ferroviário do alto Nordeste. É verdade que ainda se encontra em processo de criação, aquisição de peças e documentos. Mas a etapa principal já foi vencida: a recuperação dos prédios, a abertura desta primeira exposição permanente e o reaproveitamento do pátio interno, com um trecho das linhas férreas. O passo que você acaba de dar, entrando nessa antiga Estação de Passageiros, foi o passo que você precisava para conhecer melhor o velho trem de ferro que existe em sua imaginação. Siga. Sua caminhada começa. Deixe-se levar pela memória do povo parnaibano... e boa viagem! (O BEMBÉM, 2009, p. 08)

Pela exposição no primeiro banner, podemos perceber que o museu se apresenta não apenas como uma instituição pública que guarda e expõe suas peças, mas é um lugar de memória dos parnaibanos, mostra a relação existente entre as pessoas e o trem, uma estação de memória que se ergue e conta sua história.

O segundo módulo – *Espaço dos Pioneiros* - homenageia Miguel Bacellar, o engenheiro responsável pelo início da construção da ferrovia no Piauí que é apresentado pelos parnaibanos como o “pioneiro desbravador das terras piauienses”:

O trem ainda não completou duzentos anos de história. No entanto, é o mais mítico dos transportes coletivos. [...] As passagens custam menos que nas viagens de avião, de navio ou de ônibus. Desde que apareceu revolucionando a tecnologia dos transportes de roda, o trem marcou a história do mundo. Desbravou o oeste dos Estados

Unidos; cruzou em todas as direções todos os países da Europa; estendeu-se pelas estepes geladas da Sibéria; transportou soldados na Primeira Guerra Mundial; carregou prisioneiros ciganos e judeus para os campos de concentração na Segunda Guerra. Agora, em forma de metrô, transporta diariamente milhões de passageiros entre centenas de estações de Londres, Nova York, São Paulo, Paris, Roma, Rio de Janeiro ... O Museu do Trem do Piauí é um canto de saudade ao trem a vapor, o velho trem de ferro, aquele que soltava faíscas, lançava tufo de fumaça e fazia café-com-pão-manteiga-não...café-com-pão-manteiga-não... (O BEMBÉM, 2009, p. 08).

Nesse módulo os estudantes receberam informações sobre a importância do trem no mundo e os eventos em que ele foi usado, sabendo das mudanças sofridas pelo trem – metrô – e os milhões de passageiros no Brasil e na Europa que ainda fazem uso do transporte ferroviário. No entanto, fica claro que o trem que é guardado na memória dos parnaibanos e que desperta saudades é o “velho trem de ferro”, a Maria Fumaça, apelido carinhoso que recebeu devido à quantidade de fumaça que expelia durante a viagem. É o trem da saudade dos parnaibanos, sentem falta do barulho que na imaginação formava uma canção. São os vestígios desse trem que o Museu guarda. Nesse sentido, a historiadora Cláudia Fontineles (2009) alerta sobre a importância dos vestígios e sua relação com o tempo e a memória:

É importante entender o papel desempenhado pelos vestígios deixados como reminiscência do passado e o papel assumido por eles na construção da consciência humana, que dele necessita para poder lutar pela duração tão almejada através do tempo. Os sinais emitidos e conservados contribuem para compor os modos de durar de um indivíduo ou de um grupo. Daí a valorização atribuída aos vestígios, principalmente em sua dimensão material, que funciona como a conservação dos vestígios e suas maneiras de se inscrever na memória de uma época, agindo como permanência daquilo que é passageiro (FONTINELES, 2009, p. 35).

Continuando a viagem pelo museu, o visitante encontra os vestígios da extinta Estrada de Ferro Central do Piauí, e estrada de ferro piauiense que existiu até 1957, quando foi criada a Rede Ferroviária Federal que incorporou as estradas de ferro que eram mantidas pela União. Esse módulo é seguido do RFFSA e apresenta o percurso realizado pelo “trem de ferro – locomotiva a vapor, a composição: locomotiva, tender, vagão de 1ª classe, vagão de 2º classe, vagão de

bagagem, vagão-restaurante, gôndola, trolley. Transporte: encomendas, bagagens de passageiros, frutas, pedra e gado” (O BEMBÉM, 2009, p. 08).

A pesquisa de campo realizada no Museu do Trem do Piauí levou os estudantes a reconhecerem a importância dos espaços museológicos para a história e a identidade dos parnaibanos. Assim, “o museu vai recuperando as referências identitárias importantes para a construção e a transmissão das memórias coletivas, entre a população e as comunidades locais associadas à cultura ferroviária e a sua história.” (LOPES, 2012, p. 64).

Os ferroviários não foram esquecidos, tiveram lugar especial na exposição, foram procurados e cederam fotografias, roupas; contaram histórias da época em que trabalhavam na estrada de ferro; contribuíram para a formação e a preservação da história da ferrovia que também é a história de vida de muitos homens e mulheres. Muitos chegaram a trabalhar vinte ou trinta anos na ferrovia, um trabalho pesado que exigia muito esforço e determinação. Os ferroviários em Parnaíba têm uma história recheada de lutas, conquistas e diversão. Fundaram um Clube social e formaram um time de futebol, o Ferrim:

Dezenas deles ainda estão por aí contando suas histórias; velhas histórias de trabalhador ferroviário. São maquinistas, foguistas, graxeiros, chefes de trem, guarda-freios, conservadores de linha, feitores, chefes de turma, funileiros, ferreiros, soldadores, torneiros, eletricitas, bagageiros, carregadores, um mundo de homens povoando a estação de Parnaíba. Uma estação de grandes dimensões, incluindo estação de passageiros, pátio de manobra, inspetoria de transportes e comunicação, arquivo, almoxarifado, posto médico, tipografia e uma oficina de manutenção das linhas, locomotivas, vagões, locomóveis, gôndolas, trolleys... Esses homens eram os ferroviários [...] Em cada dormente, cada vagão, cada máquina, cada pedaço de trilho estrada afora, tudo fala dessa gente que amava o trabalho que fazia. Uma gente que amava o trem (O BEMBÉM, 2009, p. 08).

No módulo intitulado *O trem e a cidade*, os estudantes puderam identificar a relação das pessoas com o trem em seu cotidiano de trabalho e lazer:

Durante sessenta anos, de 1922 a 1982, o trem fez parte do dia-a-dia do povo parnaibano. Acompanhou todo o período de crescimento da cidade, no século XX. Fez parte do imaginário, levava as famílias para um domingo na praia, para a festa de Bom Jesus dos Navegantes e para as férias de julho em Amarração. Trazia laranjas de Frecheiras (doces como mel!) e levava mantimentos para vilas e

idades ao longo da linha. E havia o medo, o susto, o fascínio. – Tira o braço da janela, menino, que lá vem a ponte. – Cuidado com a faísca, pode cair no olho. – Corre, gente, que o sino da estação já bateu. Faltam cinco minutos para o trem sair. – Papai quem é que mora na casa de turma? Um dia o trem pegou um ônibus que deu o prego bem no meio da linha. Foi lá na Guarita. Outro dia, descarrilou. Depois, acabaram-se as viagens. Nunca mais, as nuvens de fumaça pela plataforma. Nunca mais o Chefe-de-trem perfurando os bilhetes no meio da passagem. Acabou-se a festa de Bom Jesus dos Navegantes. Adeus 301! Adeus 1002! Nunca mais as faíscas queimando as camisas. E o povo jamais perdoou a locomotiva Mariquinha por ter matado os Dois Irmãos (O BEMBÉM, 2009, p. 08).

Além das peças (são expostos pedaços de lembranças que povoam a memória dos parnaibanos), a ferrovia constitui-se em patrimônio não somente no pensamento das pessoas que tiveram a oportunidade de conviver com ela, mas também num devir coletivo de que a história ferroviária possa se materializar em seus “lugares de memórias” – notadamente em museus ferroviários - e na expectativa de que a saga da ferrovia possa ser contada e preservada pela memória coletiva da cidade.

Pierre Nora (1993) estabelece uma estreita relação entre memória e lugar. Para ele os lugares de memória são antes de tudo “restos” que são fragmentos advindos de diversos momentos do passado. Nora defende que para a determinação dos lugares de memórias é necessário manter a intenção de que aquele lugar seja um lugar de memória. A razão principal de ser um lugar de memória está no fato de poder parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas. Assim entendemos o Museu do Trem de Parnaíba.

Considerações finais

O trabalho com educação patrimonial realizado na Escola Municipal Borges Machado, por meio do *Programa Mais Cultura nas Escolas*, na disciplina de História, em diálogo com outras, com estudantes do 7º do Ensino Fundamental e a utilização de pesquisa de campo, história oral e a pesquisa no jornal local *O Bembém*, permitiu constatar o que as pesquisadoras Cristina Reis Figueira e Lílian Lisboa Miranda (2012) defendem: as atividades com patrimônio cultural proporcionam o desenvolvimento da criatividade, além de oportunizar o conhecimento de diferentes modos de vida, os “espaços de recordação” e estabelecer relações com esses

lugares. Permite ainda conhecer a história dos monumentos que fazem parte do patrimônio cultural material da cidade.

A pesquisa de campo realizada no Conjunto Estação Ferroviária permitiu aos estudantes visitarem o Museu do Trem do Piauí, a Esplanada da Estação, a Estação Floriópolis e a Via Operária, lugares que guardam objetos usados pelos ferroviários, fotografias, imagens, livros, máquinas de escrever, fragmentos de trem dentre outros objetos que permitiram aos estudantes conhecer uma parte da história da estrada de ferro no Piauí.

A realização das entrevistas também foi um momento de aprendizado, pois além de ouvir as histórias dos entrevistados, os estudantes aprenderam com eles a valorizar o patrimônio ferroviário piauiense e entender o motivo da preservação desse patrimônio para as futuras gerações. O trabalho com as entrevistas permitiu uma aproximação entre as gerações e, mais ainda, uma aproximação da comunidade com a escola. Os estudantes aprenderam a ouvir e valorizar as histórias de vida de seus parentes e amigos.

Os professores e professoras também aprenderam com o *Mais Cultura nas Escolas*, uma vez que, precisaram pesquisar sobre a educação patrimonial e tiveram, assim como os alunos, a oportunidade de conhecer as histórias que envolvem os prédios, praças, igrejas, estações, hospitais que, juntos, formam o patrimônio cultural parnaibano.

Assim, avaliamos que a realização do projeto contribuiu de forma significativa para maior aproximação da escola com a comunidade, para o (re)conhecimento dos estudantes e também dos professores e professoras com o patrimônio cultural ferroviário da cidade de Parnaíba. Promoveu reconhecimento, respeito e a identificação por parte dos estudantes para com os bens culturais da cidade.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução de Paulo Soeth. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

CAFFÉ, Eliane (dir.). *Narradores de Javé*. Brasil Bananeiras Filmes, 100 minutos, cor, 2003.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis; GIOIA, Lillian de Cássia Miranda. *Educação patrimonial no ensino de história nos anos finais do ensino fundamental: conceitos e práticas*. São Paulo: Edições SM, 2012.

FONTINELES, Cláudia C. S. *O Recinto do Elogio e da Crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Tese (Doutorado em História) – UFPE, Recife, 2009.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LOPES, Luís Felipe Gomes. *Museu Nacional Ferroviário. Museu Industrial?* Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2012.

MUSEU do Trem – Cultura e turismo. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 21, 21 set. 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

PAIM, E. A. Lembrando, eu existo. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). *História: ensino fundamental - Coleção Explorando o Ensino*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, v. 2. p. 83-104.

PINHEIRO, Áurea; MOURA, Cássia. Conjunto Histórico e paisagístico de Parnaíba. In: FINGER, Anna Eliza et. al. *Cadernos do Patrimônio Cultural do Piauí*. Teresina: Superintendência do Iphan no Piauí, 2010.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. *História oral na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TOLENTINO, Átila. Educação, memórias e identidades. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). *Educação patrimonial: educação, memórias e identidades* / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Superintendência do Iphan na Paraíba. João Pessoa: Iphan, 2013. p. 06-09.

Artigo recebido em 19 de dezembro de 2016. Aprovado em 19 de fevereiro de 2017.